

## “Quem sou eu e, se sou, quantos?”

Mário Beja Santos<sup>1</sup>, [beja.santos@dg.consumidor.pt](mailto:beja.santos@dg.consumidor.pt)

«*Quem sou eu e, se sou, quantos?*», é um livro original que se apresenta como uma viagem filosófica, e foi um verdadeiro fenómeno de vendas em vários países europeus, no fim da década passada. O seu autor é o filósofo alemão Richard David Precht, que apresenta o livro não como uma história da filosofia mas como uma introdução às questões filosóficas da existência e da humanidade. Referindo Immanuel Kant, que dividiu as grandes questões da Humanidade nas perguntas: o que posso saber? O que devo saber? O que me é permitido esperar? O que é o homem?, toma tais questões como fio condutor desta obra de leitura aliciante (“*Quem sou eu e, se sou, quantos?*”, por Richard David Prescht, Publicações Dom Quixote, 2011).



Nietzsche é o primeiro filósofo convocado, com o seu olhar impiedoso sobre a filosofia e a religião, e somos induzidos a questionar quando chegaram à terra os animais inteligentes que inventaram o conhecimento. Dá-se um salto até África onde há achados fósseis dos primeiros representantes dos homínídeos que datam aproximadamente de há 30 milhões de anos, nada se sabendo destes primeiros macacos. Em 1967, descobriu-se um esqueleto de um pequeno primata que caminharia em posição ereta e que teria seguramente vivido há mais de três milhões de anos. Logo os estudiosos se lançaram a pesquisar o desenvolvimento do cérebro humano, já que o tamanho e a composição do cérebro foram decisivos para o desenvolvimento do homem moderno e da sua incomparável cultura. Os estudos sobre o funcionamento do cérebro são relativamente recentes e permanece por saber o mais importante da complexidade das suas ligações. Mas não são só os neurocientistas que questionam o cérebro, os filósofos também

<sup>1</sup> Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

questionam o cérebro, como se formam os sentimentos, qual o significado das paixões, pulsões, instintos e afetos, o que é o subconsciente e o inconsciente, por exemplo. Freud foi muito importante e atualmente os neurocientistas sonham com uma psicanálise fundada na neurociência. Observar o inconsciente é algo que nos permanece em grande medida vedado. Mesmo os estudos sobre a memória estão numa fase de incipiência. Diz o autor que o modo segundo o qual o nosso cérebro é capaz de registrar impressões, separando o que é importante do que não é, e porquê, continua a ser o enigma. E recorda o que se sabe sobre a linguagem e não perde por nos alertar para as limitações da viagem filosófica, psicológica e biológica ao cérebro: «Tornou-se patente que consciente e inconsciente se misturam, bem como que ainda sabemos bastante pouco sobre o modo como o nosso cérebro regista e esquece significados. Aprendemos que o cérebro é um órgão da auto-compreensão mas que não foi construído tendo como meta um conhecimento objetivo do mundo. Continuamos a saber muito pouco sobre nós».

A aventura filosófica questiona o homem social, e daí ser importante estudar Rousseau, do mesmo modo que Kant é indispensável para a reflexão sobre as leis morais e Schopenhauer é incontornável para estudar o entendimento ou a razão, ele considerava que a central de comando no cérebro não é o entendimento mas antes a vontade e esta é como uma forma de inconsciente que determina a nossa existência e o nosso carácter.

Mas há muitas mais perguntas ainda sem resposta ou com resposta precária, por exemplo: porque é que somos capazes de entender os sentimentos de outras pessoas? A resposta parece simples: partilhamos sentimentos, porque os sentimentos dos outros despertam em nós os mesmos sentimentos. Mas a verdade é que ainda há muito a saber sobre a origem dos sentimentos. E a moral, é ou não é inata? Qual é a origem do valor da vida? E onde é que ele começa? Mais um formidável campo de questões, que podem começar pelo aborto, que se pode estender à eutanásia, aos direitos dos animais, aos fundamentos da ecologia e à proteção das espécies, como também à clonagem e aos limites que se devem pôr à engenharia genética. Também se questiona o que é que é permitido à neurociência, mesmo sabendo que ela protege as pessoas contra abusos, verifica-se na prática que há abusos cometido por forças militares e serviços secretos através da violência exercida sobre o cérebro, e alerta: «A sociedade faria bem em aplicar os seus mecanismos de controlo ético tão cedo quanto possível, proporcionando a neurocientistas e neurobiólogos o apoio de colegas da área da filosofia, da psicologia e

da sociologia que avaliariam as consequências dos seus trabalhos de investigação e antever possíveis desenvolvimentos». Há que usar da maior prudências antes de abandonarmos os limites do humano, o que nos lança no último tema proposto pelo autor: O que nos é permitido esperar?

O que nos remete para outras questões: Deus existe? Tem a natureza um sentido? O que é o amor? O que é a liberdade? Precisamos da propriedade? O que é justo? Pode a felicidade aprender-se? Tem a vida um sentido? De uma forma bem-disposta, o filósofo Richard David Precht lembra uma tirada dos Monty Python: «Bom, então aí vai o sentido da vida. Bom, não é realmente nada de especial. Tenta simplesmente ser amável para as pessoas, evita comida gorda, lê de vez em quando um bom livro, recebe visitas, e tenta viver em harmonia com todas as raças e nações». E o filósofo aproveita para dar a sua opinião: mantenha-se curioso, realize as suas boas ideias, e encha os seus dias de vida, em vez da sua vida de dias.

Longe de ter a pretensão de responder de modo unânime às perguntas, o livro apresenta diversas respostas possíveis e válidas. Somos impulsionados a refletir diante de um leque de opções. Cabe-nos escolher a resposta que for mais convincente. Durante a leitura de cada capítulo, o leitor é levado, por vezes de forma empolgante, a participar diretamente na aventura filosófica, o processo expedito que o autor escolheu para estimular a aprendizagem filosófica e a pôr a filosofia no centro dos seus conhecimentos.